

Modelos de aparelho psíquico como modos de funcionamento

Com a teoria sobre o narcisismo, passamos à possibilidade de pensar em aparelho psíquico a partir da apresentação do ego nos confrontos com o meio. Já se anuncia, aqui, a marca que vimos imprimindo no recorte dos textos que permitiram posicionar o contexto teórico da psicanálise de Freud, onde se pode configurar uma psicologia do desenvolvimento afetivo.

Neste capítulo, vamos tratar daquilo que se habituou chamar, na literatura, de *modelos (de aparelho psíquico)*. Mas, os tomaremos *como modos de funcionamento psíquico*. Nossa intenção é a mesma: “dessubstancializar” o psiquismo, retirá-lo, o quanto possível, da ideia de lugar físico, instância materializada, da ideia de sujeitos que, independentes entre si, agem no interior de um... si.

Mesmo assim, as informações sobre o surgimento do tema, na obra freudiana, serão dadas. Nomeadamente:

- o primeiro modelo de aparelho psíquico em *A Interpretação dos sonhos* de 1900 (Freud, 1900/1972), como inconsciente/pré-consciente/consciente. A primeira tópica, como se costuma dizer.
- o segundo modelo de aparelho psíquico em *O Ego e o Id* de 1923 (Freud, 1923), como id/ego/superego. A segunda tópica.

Faremos um acréscimo, no entanto, pelo recorte que nos instrumenta no estudo da obra de Freud.

Em 1924, escreve um texto bastante “enxuto”, denso e contundente, que, reputamos, pode ser considerado um terceiro e criativo modo de conceber como funciona o psiquismo: *O Bloco Mágico* (Freud, 1925/1976). Conforme terminamos o capítulo anterior, encontra-se aí uma analogia produtiva, uma metáfora de memória que permite trabalhar conceitualmente com a hipótese do inconsciente, reunindo as qualidades do conteúdo articuladas às qualidades da função, do efeito alheios à consciência.

Defendemos, com tal interpolação às teorias sobre o aparelho psíquico, colocar em discussão a possibilidade de, por exemplo, pensar o ego como o conjunto de funções que fazem o confronto com o meio, desde a percepção e a locomoção, até o pensamento e as defesas psíquicas; portanto mover a contenção do modo de ação imediato para a satisfação, acionando pensamento e linguagem para a obtenção de prazer em determinadas situações, sem estourar os limites suportáveis de convivência consigo próprio e com o meio (outro jeito de falar de princípio de realidade).

Será, conforme o recorte que fazemos na obra freudiana, com o texto *Uma nota sobre o Bloco Mágico* (1925/1976), que se desenhará o último modelo de aparelho psíquico e de memória inconsciente, que reconhecemos nela. Daremos destaque, ao considerar as questões relativas às histórias que se constroem na vida afetiva, à inventiva maneira de nosso autor explicar: (a) como funcionamos da experiência concreta ao registro inconsciente; (b) a impossibilidade de um registro ser a cópia da experiência; e (c) a constante alteração das marcas inconscientes, exatamente para que se possam dizer inconscientes.

Feitos esses apontamentos, seguimos com a ordem das coisas tal como prevê a leitura mais creditada dessa psicanálise.

A primeira tópica

Tópica e modelo são termos que indicam configuração de espaços, de lugares, com atribuições específicas. É assim que Freud formula, como

instâncias psíquicas, seus aparelhos psíquicos. E é, também assim, que ele traz em *A interpretação dos sonhos* (1900/1972), a primeira organização formal de um modelo: *inconsciente, pré-consciente, consciente*.

No capítulo I deste livro sobre psicologia do desenvolvimento, apresentamos a concepção de *inconsciente*. Acontece que *ali, predominantemente*, o inconsciente é apresentado e discutido *como modos de funcionamento, como mecanismos*. Remetemos o leitor a ele, para não nos repetirmos.

Ao *pré-consciente* é reservado o lugar de operações e conteúdos não presentes no campo da consciência, portanto, descritivamente inconscientes, mas deles distintos, na medida em que permanecem, de direito, acessíveis à consciência. São tidos como conteúdos separados do inconsciente pela censura, de tal forma que a passagem de um para outro só se pode fazer pelos mecanismos de deslocamento e condensação, regidos pela necessidade de revelar ocultando um material que resiste, pela repressão, a se colocar consciente.

Ao terceiro *locus* cabem processos e conteúdos que, como o conteúdo manifesto dos sonhos, podem ser admitidos no plano consciente, de alguma forma. Assim, podem ser afirmados, no nível de sentidos e percepções, como tudo o que a pessoa sabe de si.

A segunda tópica

Em 1923, Freud escreve *O Ego e o Id* (Freud, 1923): um divisor de águas que constrói uma outra forma de descrever e conceber o aparelho psíquico. Agora, *ego, id e superego*, organizam-se à moda de três personagens que se enfrentam no controle e domínio da cena psíquica: o *id* é relativo às pulsões; o *ego* é aquele que representa os contatos com a plateia (realidade externa); e o *superego* se contrapõe aos dois, sobretudo atestando, em sua força, a força do *id*, seu antagonista.

Os termos descritores são novos, até certo ponto, mas os sistemas que reapresentam, de certo modo, estão ali repostos: *ego*, que desde sempre nomeou processos psíquicos, encontra uma especificação maior, como a instância de contato com o mundo; *id*, cabalmente, nomeia um reservatório de energias

pulsionais; e *superego* é o nome que atribui à instância divergente na direção das forças, na medida em que, diferentemente das outras, é contrária à satisfação pulsional.

Se o leitor puder recordar o que afirmamos em outros momentos, sem ser nominalmente teorizado como *superego*, no texto sobre *narcisismo*, o *ego ideal* poderia ser considerado sua matriz conceitual, exatamente porque a imagem ideal de si exerce uma constante censura ao ego real.

Além disso, há uma possível superposição do primeiro modelo de aparelho psíquico, de 1900, a este de 1923: o id é o império do funcionamento inconsciente, enquanto o ego e o superego teriam regiões inconscientes, ‘pré’ e conscientes. Inclusive, a partir dessa segunda tópica, o pré-consciente é definido como o que permanece apenas descritivamente inconsciente (não mais uma instância com mecanismos e atribuições específicas, como se costuma circunstanciar o termo na primeira tópica).

Não se assuste o leitor com os sentidos tão espaciais dessas palavras; não se pode esquecer que os modelos são tópicos...

Antes de prosseguirmos, cabem umas poucas palavras sobre *processos primários e secundários*. É interessante notar que, apesar de os modelos serem formas fixadas como instâncias e lugares estáveis, com qualificações específicas, em maior ou menor conflito/choque entre eles (decorrentes dessas qualificações), Freud, em suas descrições, permanece no limite entre afirmá-las como características intrínsecas, ou como modos de operações, de funcionamento psíquico. É um azeitamento da mobilidade e da transitividade, nos espaços das formas teóricas.

Os dois processos podem ser assim postos de forma sumarizada (Laplanche & Pontalis, 1977).

Os *processos primários* são modos de funcionamento arcaico, pré-lógico do aparelho psíquico, por expressão livre de sentimentos e por pensamentos, orientados por impulsos, pulsões.

Os *secundários* são aqueles caracterizados pelo pensamento lógico, memória “racional” e expressão de sentimentos orientados pela realidade.

Nessa esteira, voltemos a como Freud apresenta a segunda tópica em 1923, aquela que se impôs definitivamente na compreensão teórica da psicanálise.

O *Id* é descrito como a instância psicológica regida pelos processos primários e pelo princípio do prazer, exclusivamente. É fonte de motivação para todos os sistemas psíquicos que, em sua constituição, de modo direto ou inverso, a ele respondem e dele derivam suas atribuições e forças. Seu objetivo é invariavelmente a satisfação da pulsão, na busca do prazer.

A quem se lembre dos comentários que já fizemos, aqui, sobre a definição de pulsão como estímulo que nasce no interior do organismo, provocando tensão (no sistema) e buscando descarga por meio de uma ação, um comportamento, que provoque prazer, poderá perceber que encontramos, no *id* desta segunda tópica, sua “mais completa tradução”. Até então, poder-se-ia dizer que seria ele o reservatório das pulsões.

Prosseguindo, no entanto, com essa definição (Freud, 1915/1976), podemos ainda notar a ressalva feita quanto ao alcance possível para se dizer do perfil psíquico dessa instância: o objeto para a satisfação não faz parte desse circuito, pertence ao meio, e se presta à catexia, ao investimento do impulso, e nessa qualidade se pode representar. Pode-se registrar como fato psicológico. Por isso, costumamos dizer que as representações (e os afetos que as acompanham) são ponta de lança das pulsões, introduzindo-as no universo psíquico. E o *id* pode ser assim entendido como reservatório dos *representantes* da pulsão.

Não podemos nos esquecer, inclusive, que o *A Interpretação dos Sonhos* (1900/1972), coloca a psicanálise no campo das representações, como compreensão e como método. Nisso, de 1900 a 1923, temos uma produção que se ergue na área do que tem sentido e significado inconscientes, como expressão humana.

E o *Ego*? Ah, bem... o *ego* é quase tudo nesta segunda tópica!

Para melhor explicar nossa hipérbole, começemos pelo entendimento que temos da tripartição em sistemas. Pelo recorte que orienta nossas análises e

estudos da obra freudiana, preferimos tratar, cada um deles, como conjunto de funções, como modos de agir, de funcionar subjetivamente.

Assim, retomando a título de exemplo o id, diríamos que se trata de uma modalidade de ações automáticas, impulsivas, que indicam finalidades aquém e além das relações com o meio. Para elas se estabelecerem, há de haver funções que nos capacitem desde o nascimento, para o confronto com o mundo: do desenvolvimento da percepção ao estabelecimento de vínculos expressivos (de comunicação) e afetivos com as outras pessoas e com as coisas.

É daí que adviriam os confrontos concretos da criança com o mundo que a cerca, admitidos os primeiros envolvimento com a mãe e seus próximos.

Um funcionamento primordial poderia ser atribuído ao narcisismo primário, tal como o concebe Freud, em 1914. Recomendamos a leitura atenta dessa obra que coloca como a condição de relação, por mais paradoxal que isto possa parecer, caso nos apegássemos à sinonímia desse termo. A expansão indiferenciada, o esparramamento do que é o bebê, nos objetos externos, de tal forma a alcançar aquilo e aqueles que lhe serão recíprocos a partir de um outro lugar, esse das pessoas e das coisas, do lado de fora desse “corpo em busca de sentidos”, enquanto satisfaz necessidades tão básicas como as de alimentação, calor e sono, por exemplo.

Outras funções, no entanto, se poderiam supor, com apoio nesses inícios: (a) tolerância significativa às frustrações que, com certeza, encontrará nesse caminho, intencional no plano cognitivo da consciência; (b) orientação do comportamento para objetivos aceitáveis e que não acarretariam tantas frustrações.

A estas, o discurso da psicanálise acrescenta como funções egoicas: (c) funcionamento orientado pelo pensamento lógico; (d) cognição, planejamento; (e) utilização do afeto que acompanha a frustração da pulsão, como sinal que auxilia na escolha de objetivos e objetos significativos; (f) mecanismos de defesa. (Laplanche & Pontalis, 1977).

Demos, até aqui, os destaques à concepção do ego, não como um sistema com atribuições próprias, em oposições ou “negociações” e “jogos” de domínios de força entre “si”, mas sim como modos de funcionamento psíquico. Mas é

fundamental que se diga que a própria escrita de Freud traz o ego como uma diferenciação no id para atender a exigências de contato com o mundo exterior, cumprindo sempre os alvos “ídicos” de satisfação da pulsão, funcionamento por um princípio de realidade que negocia alguma satisfação em troca de impedir efeitos de frustrações. É a face de confronto com o meio, e assim permanece o mediador das três instâncias e o mundo real.

Do mesmo modo, define *superego*: diferenciação no ego, de uma instância que acaba por se opor às finalidades precípuas de satisfação da pulsão. Com objetivos diferentes do ego e do id, seu alvo é a contenção dos impulsos, impedindo suas descargas de maneira absoluta. Não para escapar de frustrações maiores, mas por incorporações de regras e valores sociais.

O capítulo III de o Ego e o Id, na sua melhor forma, traz a criação de um lugar psíquico com processos que envolvem, desde a identificação até a dissolução do Complexo de Édipo. Qualquer referência, entre comentadores das teorias freudianas, sobre o fato de esta instância representar as instituições sociais, cabe ressaltar que Freud é bastante explanativo sobre os interiores de tais processos, por isso remetemos o leitor ao estudo de tal texto, exemplar do raciocínio de seu autor. Chega, num dado momento, a afirmar que, por uma questão de lógica da própria tópica do aparelho psíquico, a força de um superego atesta a força do id.

Desses interiores (identificações e dissolução do Complexo de Édipo), trataremos por ocasião de abordar mais diretamente a questão do desenvolvimento da psicosexualidade.

É o tema dos capítulos que se seguem.

